

PERSPECTIVAS ÉTICAS DO PENSAMENTO DE LEONARDO COIMBRA

Toda a obra de Leonardo Coimbra ocupa um lugar central no pensamento português contemporâneo; nela conviergem, mediante uma admirável expressão teorizadora e poética, não apenas as ansiedades fundamentais de uma inteligência que busca libertar-se das incertezas, mas igualmente o esboço de um programa humanista em cujo horizonte se ergue a silhujeita luminosa da Dignidade, como suprema meta para uma civilização que deve deixar de ser «cárcere» para se transformar em «jardim» e «éden», onde a Felicidade de cada ser humano afoitamente se possa confundir com o seu caminhar quotidiano.

Para um tempo como, em certo sentido, é o nosso, em que a erosão de valores fundamentais se manifesta de modo inquietante, o legado humanista e espiritualista que encontramos na sua obra constitui, segundo o nosso ponto de vista, um decisivo convite para redescobrir, com um reflexivo olhar, a perenidade de um esforço concreto que visa construir o sentido de uma existência humana moral autêntica *íem* tempos de desordem e contradições axiológicas.

Evocar um pensamento e tentar compreendê-lo nos seus principais vectores impõe um certo conhecimento da conexão quase sempre existente entre as ideias e a circunstância do seu autor. Neste sentido, a circunstância portuguesa no âmbito da qual, Leonardo Coimbra inicia o seu exercício intelectual, apresentava-se globalmente ao ritmo da agitação mais ou menos permanente —> sinal, aliás, típico de todos os momentos históricos em que irrompe a afirmação plural de vontades transformadoras. Com efeito, desde a instauração do regime republicano e segui-

damente ao longo dos anos vinte, vivia-se um tempo marcado por um profundo «cisma na alma», como diria Arnold Toynbee; era um tempo de luta por uma sociedade diferente orientada pela recusa de dogmatismos, tempo de confiança no progresso humano assente no desenvolvimento das ciências e das técnicas, tempo, também, de uma desmedida crença nas interpretações de índole positivista e evolucionista* A par de uma certa crise de identidade, o país culto parecia encontrar nos ideários políticos, a solução para aquelas perplexidades inexoráveis da condição humana que, afinal, nunca se elucidam: messias, sistemas de crenças e vigências sociais que, muitas vezes, algum caprichismo político sugere como paradigmáticos. Na realidade, para além do efémero, o que há de eterno, experimenta-o cada ser humano quando se encontra «às mãos com o Destino», para utilizar uma expressão de Leonardo Coimbra e é, quase sempre, nesses solitários monólogos que o ser humano se dá conta da intransferível necessidade de criar e assumir um painel axiológico que desperte a adesão profunda da sua vontade*

Ora, Leonardo Coimbra, amplamente em sintonia com o seu tempo, {experimentando entusiasmos e depressões, melancolias e optimismos, homem de boa vontade esforçou-se singularmente na busca de uma mensagem moral, cuja função exemplar se viria a traduzir numa categórica afirmação de perfeição a par de um sério projecto para a realização do Bem e, por consequência, para a instauração da Justiça, Neste sentido se terão de interpretar as palavras do seu discípulo Álvaro Ribéiro quando escreveu que «nunca ninguém como Leonardo Coimbra seguiu tão perfeitamente o lema escatológico de Augusto Comte: «vivre pour autrui» ou seja, viver para o outro-eu», (*) Com efeito, a reflexão moral de Leonardo, sem que tenha constituído o específico objecto de qualquer das suas obras, encontra-se perseverantemente afirmada ao longo dos seus escritos, configurando-se crescentemente num «sentido personalista e existencial», como adequadamente acentuou Delfim Santos, (2) cujas coordenadas se aproximam de um certo existencialismo de índole cristã — penso, a *est* propósito, em St. Agostinho, Pascal, Berdiaeff, Miguel de Unamuno e, sobretudo, Gabriel Mareei — logo inquestionavelmente entrevisto nos filosofemas de «O Criacionismo» onde o ser humano é perspectivado não como «uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro de um mundo a fazer» (3), para em seguida nos

afirmar que «não há pessoa sem pessoas, isto é, sem sociedade»;⁽⁴⁾ ou seja, uma sociedade cujo desenvolvimento deverá tend[er] como escreveu em «Deus e as Mónadas», para uma «sociedade ideal de mónadas livres e amorosas, eis o que é lícito desejar-se e até supor-se desde já realizado. Sociedade aberta a todas aquelas almas que atingiram a divina altitude do puro amor que é a perfeita liberdade. Para essa sociedade — prossegue Leonardo Coimbra — aspiram todas as mónadas e todas terão o direito e a possibilidade de a conquistar. Essa possibilidade é o próprio Deus, a infinita actividade do bem, sempre pronta e dadivosa»,⁽⁵⁾ Repare-se no modo como o pensador sublinhou a dignidade; da pessoa moral, do ser humano que ele designará por «Quixote do Infinito»,⁽⁶⁾ ou seja, alguém que necessita de um grande ideal fundamental e de um indispensável «transcendente optimismo», como escreveu Álvaro Ribjeiro,⁽⁷⁾ para meta do seu quotidiano agir.

Em ordem a uma plena inteligibilidade do tema em análise importa que nos aproximemos um pouco mais da raiz antropológica do seu pensar moral, tentando delinjeir o perfil rigoroso em que a condição humana se lhe revela, para logo após, reflectirmos ao sentido da moralidade que culmina o seu ideário fundamental. Que é, pois, o ser humano na perspectiva de Leonardo Coimbra?

■ Decerto não apenas um «cadáver adiado que procria», como um dia já escreveu Fernando Pessoa,⁽⁸⁾ nem uma «paixão inútil» como afirmou Jean-Paul Sartre,⁽⁹⁾ nem tão-só efémera «poeira das estrelas», como apontava Carl Sagan⁽¹⁰⁾—segundo outra perspectiva, Leonardo aprovaria sim a ideia de um «homo viator», peregrinante do Absoluto, tão admiravelmente desenvolvida na obra de Gabriel Marelle,⁽¹¹⁾ Um ser que sempre vive em demanda de algo que o transcenda, prescientificando-se «destruido, sim; não do mundo inteligível para o mundo sensível, mas do mundo edénico para o mundo da prova, da dor, da angústia, do trabalho, que pode ser de perda ou de resgate»,⁽¹²⁾ por consequência, a braços com essa incomensurável e assumida como inadiável tarefa esforçada de «procura de Absoluto»,⁽¹³⁾ como Leonardo havia escrito; uma procura audaz, confiante, generosa e alegre, acreditando numa «espiritualização crescente da sociedade humana e assente num optimismo transcendente, como garantia da acção moral»,⁽¹⁴⁾ Nesta ordem de ideias, a existência humana está como que envolvida numa esperança racionalizada

íio sobrenatural, mediante uma dinâmica de cariz intuitivo que á aproxima do «amor intelectual de Deus» que Espinosa referira⁽¹⁵⁾ e cuja imanência contribuirá para impedir uma «cousifi cação», palavra fundamental em Leonardo, isto é, uma aviltante diminuição da força espiritual que caracteriza a pessoa, prjeservando-a de um virtual voluntarismo, quase sempre moralmente indiferente ou arbitrário. Daí que, defendendo esta perspectiva e não obstante neconhecer explicitamente a existência do Mal, aliás, ami-quilável, se o ser humano quiser, Leonardo Coimbra afirmar-nos-á afoitamente que «a nossa filosofia será a estética da liberdade e a moral da beleza, A liberdade é o poder do espírito criar beleza, isto é, entendimento, transparência, comunhão, fraternidade* Dominando a matéria, o inerte ou o necessário, pode o espírito — prossegue energicamente o filósofo — afirmar-se com ^eficácia e valor concreto. A beleza é a graça da transparência, do entendimento entre os seres, o acréscimo contínuo dum novo sol cósmico que, em luz dje amor e recíproca penetração, vai consumindo a matéria (...) convém a esta filosofia, o nome de Criacionismo. Criação de beleza e amor». ⁽¹⁶⁾ Ressalta inegavelmente destas palavras o modo como o pensador insiste; no princípio de uma liberdade criadora, enraizada na experiência vital concreta de cada indivíduo; liberdade que é, em atenta análise, o próprio ser diô cada indivíduo, possibilitando-lhe o encontro com a perfeição, quer dizer, com o Bem e com a Justiça. Liberdade lúcida e serena em prol de tudo quanto pode dignificar a vida humana, travando o determinismo inferior daquela ameaça «cousista» e que, do ponto de vista ético, se traduz na pluridimensionalidade das intolerâncias, dos egoísmos, dos rancores e das deslealdades que se constituíem como as paredes de um cárcere, contra as quais, os seres humanos, assumindo-se como entes livres e criadores, devem travar um permanente combate iem ordem à instauração do que se poderá designar uma civilização da Dignidade, Assim, a Filosofia que, na óptica de Leonardo Coimbra, é numa acepção ampla, «pieisquisa das respostas às interrogações vivas do homem», revela-se predominantemente como escreveu em «A Razão Experimental», uma «reflexão do pensamento concreto real e vivo das ciências, artes e moral, da vida em suma, sobre si mesmo, procurando as longínquas raízes da sua identidade (...) marcando a cada momento o fim do homem, o destino do seu ser de espiritualidade» ⁽¹⁷⁾ e, por esta razão, não se detém

numa actividade meramente especulativa, pois de acordo com as suas palavras, «a Filosofia como órgão da Liberdade é pesquisa teórica e mais ainda, atitude prática: a libertação do comportamento ,do sagrado das prescrições imperativas ie a sua norma pela autonomia do querer», (18) logo, com a missão de concorrer para o aperfeiçoamento dos seres e situações humanas, por meio da construção, segundo Leonardo Coimbra, de uma «dialéctica de noções que se complete na última noção irreductível — a pessoa moral», (19)

Cremos sjer fiéis ao pensamento de Leonardo, considerando-o do ângulo moral como um convite à autoconstrução de um *ethos*, quer dizer, um carácter ou personalidade moral, permanentemente vinculado a um afã corajoso e manifestamente sublime em usar a Liberdade no sentido da Verdade e do Bem, ou seja, viver «jem plena harmonia a vida universal do conhecimento e do amor», (20) Ora, se bem o interpretamos, esta aspiração, explicitando-se num ideal exigente e de superior nobreza, no sjentido mais profundamente ético do termo, delineará os contornos positivos da vida moral de cada ser humano no síeu quotidiano agir e patenteará, sem equivocidade alguma, a índole de uma reflexão ética que não se apresenta tão só como um conjunto* d& normas, mas, acima de tudo, aparece-nos como um dinamismo, talvez intuitivo, vocacionado a conduzir cada ser humano na pesquisa daquilo que é bem. Tal meta que, quanto a nós, consistirá em atingir a máxima Dignidade no rumo da ^existência somente é possível — e cremos que l&onar-do Coimbra nos aprovaria — mediante uma vigorosa capacidade de entusiasmo e de enérgica aspiração à perfeição, o que; exprime um sentido talvez metafísico do humano e que abra, no imenso «cárcere» de uma existência essencialmente trágica e amargurada, uma fresta através da qual, o olhar inquieto de cada ser humano possa talvez avistar a generosa presença de um Valor Absoluto que, em palavras de Leonardo, apareça como um «ósculo aliciante d_e um oceano de amor!», (21)

Na sequência destas coordenadas, a moral é simplesmente, como ele escreveu em «Luta pela Imortalidade», «a opção pela vida espiritual universalmente fraterna», (22) Daqui decorre o alto sentido dje uma ética claramente personalista em absoluta reciprocidade com um humanismo de sinal cristão, onde uma constante vontade de concórdia se perfila como a marca inde-

leve de toda a acção moral, permanentemente arreigada num princípio de liberdade criadora e sempre atenta a uma profunda e solitária relação de cada ser humano com o Absoluto.

Surgje-nos, assim, no contexto de uma sentida necessidade de Absoluto, todo um pensar ético cujo pendore religioso e cristão se contrapõe a uma fundamentação moral do agir baseada exclusivamente na racionalidade humana. De facto, as respostas às perplexidades de índole moral somente encontram, no pensamento de Leonardo Coimbra, sentido satisfatório e consistente numa categórica afirmação e defesa de um humanismo teocêntrico. Na perspectiva da eticidade teonardina é inegável a interpretação de Álvaro Ribeiro ao escrever que «o pensamento criacionista afirma a liberdade humana e garante-a por um personalismo monadológico; a mesma filosofia preconiza o acordo social das vontades na decisão política e na aceitação da escala de valores que culmina em Deus»;⁽²³⁾ porém, aqui reside uma aporia nuclear — se, em última análise, a normatividade tiver de se apoiar na vontade divina, não será absolutamente necessário resolver antecipadamente, a questão da própria existência de Deus e ainda outros problemas gnosiológicos, tais como, a questão da fé como possível critério de verdade? Além disso, na esteira de Nikolai Hartmann, por exemplo, como afirmar a autonomia e a liberdade da pessoa perante a inexorabilidade da vontade divina? Será admissível falar de inteira liberdade e inteira responsabilidade humanas, bases fundamentais da autonomia da vontade, quando se busca uma fundamentação religiosa da moralidade?

Em Leonardo Coimbra, toda a reflexão moral visa sublinhar o valor fundamental da pessoa e decisivamente o que conta é a ininterrupta caminhada para a plena dignificação de todos os seres humanos, mediante uma concreta efectivação do sentido da Fraternidade. Esta aspiração, clara matriz do seu pensamento cristão existencial, revela-se nitidamente na primeira parte da sua última obra, «A Rússia de hoje e o homem de sempre», — páginas onde perpassa como que toda a problemática central da sua reflexão filosófica e a partir das quais se alcança o sentido optimista e generoso de uma ética, cuja magnanimidade urge destacar, acima de tudo pelo convite a um esforço de fraternização tão necessário a um tempo como o dele e como o actual onde sobressai uma clamorosa indiferença moral. Naquela obra, publi-

citada em 1935, o filósofo equacionou a problemática dos humanismos em conflito para, em seguida, traçar com precisão os contornos do Humanismo Cristão que, na sua perspectiva, assumia a mais reconfortante mensagem para uma ética social criadora de uma comunidade de seres humanos susceptível de uma permanente experiência de Amor e de Justiça*

Partindo da constatação de que «o homem parece um ser dado em natureza para que se reencontre e possua em consciência e liberdade»,⁽²⁴⁾ Leonardo Coimbra debruça-se analítica e criticamente nos diversos modelos do Humanismo, que considera como «as diferentes formas da luta do homem com o Destino»,⁽²⁵⁾ ou seja, o «humanismo idealista», o «humanismo cristão», o humanismo antropolátrico» e o extremo deste que designa por «exaustivo ou niilista». Por imperativo metódico importa caracterizá-los antes de assumir uma apreciação crítica cujo intuito longe de ser polémico, visa um largo esforço compreensivo.

Segundo Leonardo, o humanismo «idealista», de raiz platónica,⁽²⁶⁾ «traduziu-se na palavra Ideal, mas o ideal era inacessível, insuficiente e ineficaz. A vida era um desterro do inteligível e este era o lugar metafísico duma possível contemplação filosófica e não a vida plena, a integral vida do conhecimento»,⁽²⁷⁾ donde neisultava como que uma aceitação eivada de uma certa heroicidade por parte do ser humano assumindo esforçadamente uma luta em prol da sua libertação, mas condenada a um fracasso final; nas suas palavras, esta forma de humanismo colocava o homem «suspenso de um Ideal, aberto o seu coração em clamoroso vazio de amor»,⁽²⁸⁾ mantinha-o, em suma, numa total ansiedade e carência que, por outras palavras, lhe aparecia com uma dimensão de interminável tragicidade. Por sua vez, o humanismo «antropolátrico», fruto inequívoco de uma confiança cega na Ciência, «reduz o universo a uma integral referência, subordinação e dependência do homem (...) deixando o homem reduzido a uma vontade-força, a uma exclusiva vontade de domínio exaustivo e conquistador»⁽²⁹⁾, isto é, aparece como «a audácia dum imperialismo, que contente com as vitórias exteriores da ciência, se esqueceu de perscrutar a alma da própria ciência e, levado no impulso ao assalto, foi à conquista de todas as fortunas, de todos os templos onde se albergavam as seculares esperanças do coração humano»;⁽³⁰⁾ esta antropolatria humanista tenderia, na sua manifestação mais extremista, para um verdadeiro «niilismo»⁽³¹⁾ que,

Segundo Leonardo, impediria definitivamente a salvação dos seres humanos. Deste modo, restava-lhe pensar as virtualidades de um outro humanismo que possibilitasse verdadeiramente a libertação humana, onde o reencontro do homem consigo mesmo se processasse no âmbito das coordenadas de índole metafísica que são, para Leonardo Coimbra, as raízes da sua identidade. Com efeito, as profundas exigências de infinito, a sede de perfeição, os íntimos apelos de Bem e de Justiça, a necessidade de ultrapassar o arbitrário só encontram, na sua perspectiva, um autêntico apaziguamento e uma plena serenidade na esperançosa mensagem do Cristianismo*. Em sua opinião, as mais elevadas aspirações do ser humano somente podem ser atingidas mediante aquele «ósculo aliciante de um oceano de amor»⁽³²⁾ que a mundividência cristã possibilita de um modo integral*. Daí que, embora consciente das imensas dificuldades com que o ser humano se inquieta, Leonardo não hesite em escrever que «a filosofia tem de acabar-se em religião»,⁽³³⁾ para que assim culmine uma interpretação totalizante da vida e «do mundo, porquanto «a unidade da certeza-realidade e da verdade só pode readquirir-se, compreendendo o papel figurativo da ciência e completando, pois, a ciência por uma crítica e, para lá da crítica, reintegrando o saber pelas mais altas disciplinas espirituais como a metafísica e a religião»*⁽³⁴⁾

Nesta perspectiva, a reflexão moral em Leonardo, fruto da adesão a valores cristãos, abre-se para a construção do que se designa por ética metafísica onde, não obstante a procura de Absoluto se traduzir num movimento progressivo pleno de obstáculos, encontra uma adequação do sentido moral da pessoa no incessante ritmo do apelo de salvação que a mensagem cristã propõe, sublinhando-se, deste modo, uma espécie de aposta na espiritualização da sociedade, o que, em certa medida, nos recorda Teilhard de Chardin e a sua reiterada ideia do encontro da Humanidade com o ideal cristão. Na trajetória moral do pensamento de Leonardo destaca-se singularmente a reiterada defesa do valor divino do humano, o destino transcendente que se apresenta à condição humana, a par de uma defesa da liberdade, nítido núcleo da experiência vital onde se configurará como «o poder do espírito criar beleza, isto é, entendimento, transparência, comunhão, fraternidade»⁽³⁵⁾* Tal imperativo de liberdade, tal desejo de concórdia constituem-se, por assim dizer, como

que os baluartes da sua ampla intervenção cívica e política onde, como recorda Sant'Anna Dionísio, «a pessoa humana foi sempre para ele a realidade primeira, o valor mestre em função do qual deveriam ser deduzidos todos os valores e princípios do convívio social», ⁽³⁶⁾ A Democracia aparecia-lhe, por consequência, como a mais significativa e estimulante acção política em prol de uma sociedade onde Amor e Justiça forjem uma vida colectiva plena de Fraternidade, A este propósito cabe realçar as palavras com que em Abril de 1926, na tese apresentada ao Congresso da Esquerda Democrática, Leonardo se lhe referia, proclamando o sentido dos valores democráticos essenciais; aí, o filósofo-tribuno, admirável e veemente, assumindo uma autêntica reflexão em voz alta, em passos de bela eloquência fulgurantemente afirma que «o homem é livre porque a vida social lhe permitiu interpor entre a sensação e o acto a demora e a riqueza do pensamento», ⁽³⁷⁾ sublinhando em seguida que «a fraternidade não é mais do que um nome cristão posto ao amor social e por analogia com o amor dos irmãos entre si. Eis o que basta a mostrar que a linha cultural da humanidade existe, tem um sentido e é o próprio espírito que, em sociologia, numa antecipação teórica, se marcou como destino a cumprir e se chama Democracia», ⁽³⁸⁾ Vemos, por consequência, que o ideal democrático explicitamente caracteriza o significado do progresso humano e lhe aparece como a via fecunda e fecundante de uma existência humana e social, disciplinada, harmoniosa e livre.

Ao longo da sua pluridimensional intervenção cívica, Leonardo Coimbra proclamou insistentemente a necessidade de educação e de Justiça, a par de uma permanente apologia da Democracia com vista à construção infatigável de uma sociedade perfeita, vibrante de Dignidade, baluarte inabalável frente a degenerescências sempre infelizmente possíveis. Se, com efeito, não nos legou nenhum tratado de Ética, não é, contudo, pequena a expressão moral que a sua obra e a sua trajectória de cidadão revelam enquanto aspiração profunda à efectiva concretização da ideia de Bem, Tal esforço pedagogizante de sinal inequivocamente cristão traduziu-se numa esperança vigilante em renovar uma sociedade em crise histórica e visava promover uma generosa e atenta reflexão em torno da pessoa, núcleo fundamental de uma comunidade onde a solidariedade e a responsabilidade

apareçam como exigências inadiáveis, onde se articulem verdade e autenticidade, respeito e tolerância.

Da ética em Leonardo Coimbra ou as linhas mestras do pensamento de um filósofo comprometido com a acção, onde assumiu, com responsabilidade e coragem, um testemunho, intelectual e vital, de afrontamento a um certo individualismo permeável a dogmatismos e sectarismos que na realidade imediata do seu tempo importava rectificar. O seu pensamento moral pode definir-se, em síntese, como um combate em prol de um sentido ético para a existência, norteado pela irrepreensível máxima que, desde o séc. XVIII, se designa por «Regra de Ouro», sentença de raiz bíblica que, a um tempo, contém o essencial da moralidade cristã que encontrou em Leonardo Coimbra uma excelente apologética ao ritmo de um optimismo humanismo — incoercível apelo a uma vida moral de admirável Dignidade.

Luís de Araújo

NOTAS

(1) Álvaro Ribeiro, «Memórias de um Letrado», vol. I, Lisboa, Guimarães & C.^a Editores, 1078, p. il!2.

(2) Delfim Santos, «Actualidade e Valor do Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra», em *Obras Completas*, vol. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 11973, p. 238.

(3) Leonardo Coimbra, «Criacionismo — Esboço de um sistema filosófico», em *Obras*, vol. I, Porto, Lello e Irmão Editores, 1983, plp. ilO-Ilil.

(4) *Ibidem*, p. 229.

(5) Leonardo Coimbra, «Criacionismo — Síntese Filosófica», em *Obras*, vol. I, Porto, Lello e Irmão Editores, 1983, p. 388.

(6) Leonardo Coimbra, «A Alegria, a Dor e a Graça», em *Obras*, vol. I, Porto, Lello e Irmão Editores, 11983, p. 485.

(7) Álvaro Ribeiro, «Leonardo Coimbra», Lisboa, Editorial Inquérito, 1945, p. 27.

(8) Fernando Pessoa, «Mensagem», Lisboa, Ática, 19..., p. ...

(9) Jean^Paul Sartre, «L'Être et le Néant», Paris, Gallimard, 11968, p. 708.

(10) Cari Sagan, «Cosmos», Paris, Mazarine, 1981, p. 346.

i¹¹) Gabriel Mareei, «Homo Viator», Paris, Aubier-Mohtaigne, 11963. (12)

Leonardo Coimbra, «A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre», em *Obras*, vol. I, Porto, Lello e Irmão, 11983, p. 649. (is) *Ibidem*, p. 633.

(14) Álvaro Ribeiro, *ob. cit.*, p. 27.

(15) Espinosa, «Ética», vol. III, Coimbra, Atlântida, '1965, Parte V, Prop. 36, p. li36.

(16) Leonardo Coimbra, art. em «A Águia», '2 (1912) 51.

(17) Leonardo Coimbra, «A Razão Experimental» em *Obras*, vol. II, Porto, Lello e Irmão Editores, 11983, p. S50.

(is) *Ibidem*, p. 591.

(19) Delfim Santos, Prefácio a Leonardo Coimbra, *Criacionismo (Síntese Filosófica)* em *Obras Completas*, vol. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1973, p. 065.

(20) Leonardo Coimbra, «A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre» em *Obras*, vol. I, Porto, Lello e Irmão Editores, 1983, p. 647.

(21) *Ibidem*, p. 705.

(22) Leonardo Coimbra, «Luta pela Imortalidade» em *Obras*, vol. II, Porto, Lello e Irmão Editores, 1983, p. 1255.

(23) Álvaro Ribeiro, «Leonardo Coimbra e a política do seu tempo», em «Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos», Porto, Liv. Tavares Martins, 1950, p. 142.

- ⁽²⁴⁾ Leonardo Coimbra, «A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre», em *Obras*, vol. I, Porto, Lello e Irmão Editores, (1983, p. 6134.
- ⁽²⁵⁾ Ibidem.
- ⁽²⁶⁾ Ibidem, p. 641 ss.
- ⁽²⁷⁾ Ibidem, p. 655.
- ⁽²⁸⁾ Ibidem, p. 7135.
- ⁽²⁹⁾ Ibidem, p. 648.
- ⁽³⁰⁾ Ibidem, pp. 71204721.
- ⁽³¹⁾ Ibidem, p. 736.
- ⁽³²⁾ Ibidem, p. 735.
- ⁽³³⁾ Ibidem, p. 7112.
- ⁽³⁴⁾ Ibidem, p. 703.
- ⁽³⁵⁾ Leonardo Coimbra, ait. em «A Águia», 2 (19112) 5,1.
- ⁽³⁶⁾ SanfAnna Dionísio, «Sentido Humano e Transcendente da Eloquência em Leonardo Coimbra» em «Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos», Porto, Liv. Tavares Martins, 1950, p. 1279.
- ⁽³⁷⁾ Leonardo Coimbra, «Problema da Educação Nacional», em *Obras*, vol. II, Porto, Lello e Irmão Editores, '1983, p. 937.
- ⁽³⁸⁾ Ibidem, p. 939.

ABSTRACT

The author presents here the development of some aspects concerning the ethics dimension of the thinking of Leonardo Coimbra, Portuguese philosopher.

As to the relationship between ethics and religion, this philosopher underlines, with all the consequences, the Christian Humanism, to the existential itinerary of everyone's life.

RÉSUMÉ

L'auteur présente, dans ce article, le développement de quelques aspects à propos de la dimension éthique de la pensée du philosophe portugais Leonardo Coimbra. Concernant le rapport de l'éthique avec la religion, ce philosophe souligne, avec toutes les conséquences, l'Humanisme Chrétien, susceptible de fournir des indications fondamentales pour la vie humaine.